

A Função da Escola na Contemporaneidade: uma análise a partir do filme “Entre os Muros da Escola”

Janailson Monteiro Clarindo*
Rafaela de Souza Ferreira**

RESUMO

A Escola é um dos aparelhos sociais com caráter central na sociedade em todo o mundo. Devido à sua importância, ela exerce enorme influência na constituição dos saberes e, por conseguinte, das subjetividades. Tendo em vista sua centralidade em relação à socialização dos indivíduos, uma análise sobre como se dá a influência de tal instituição na sociedade como um todo ainda se mostra premente. Com esse intuito, teremos como modelo de escola a instituição retratada no filme “Entre os Muros da Escola”, dirigido por Laurent Catent (França, 2008). Essa produção, riquíssima em veracidade, retrata a realidade de uma instituição de ensino público e tem como protagonista François Marin (François Bégaudeau), professor de francês nessa escola parisiense de ensino médio. Ele e a escola têm grandes dificuldades na complicada tarefa de ensinar alunos de origens étnicas e culturais diversas. Marin é um personagem complexo, que alterna entre grandes momentos como educador e ocasiões de extrema arbitrariedade e imaturidade. Faremos aqui uma análise alicerçada em diferentes abordagens teóricas que são complementares em alguns aspectos e divergentes em outros, mas que vistas de forma próxima propiciam uma visão mais completa do fenômeno social da educação escolar na contemporaneidade. Dentre tais abordagens, destacamos como principais a teoria de Michel Foucault sobre a disciplina e as instituições disciplinares, identificando a escola como uma destas; a teoria crítica de Louis Althusser, com forte influência marxista, a respeito dos Aparelhos Ideológicos de Estado, mais uma vez aproximando a instituição escolar com o conceito aqui trabalhado; por fim, com base em uma teoria que enfoca uma “educação planetária”, lançamos mão dos escritos de Edgar Morin e outros com o intuito de discutir uma possível alternativa para a escola e suas atribuições nos dias atuais.

Palavras-Chave: Escola, Instituições Disciplinares, Aparelho Ideológico de Estado, Educação Planetária.

* Estudante de graduação do oitavo semestre do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e integrante do Programa de Educação Tutorial (PET).

** Estudante de graduação do nono semestre do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

1. INTRODUÇÃO

Toda a discussão que faremos a seguir tem como norte os acontecimentos retratados no filme “Entre os Muros da Escola”, dirigido por Laurent Catent (França, 2008). O filme possui um formato que propositalmente lembra um documentário, devido a isso e a gravidade das temáticas abordadas na obra, percebe-se a proximidade com um contexto escolar público real, com todas as dificuldades educativas e sociais que o compõem. A escola pública do filme situa-se na periferia de Paris, mas seu cotidiano é semelhante ao brasileiro em diversos aspectos. Dessa forma, apesar de partirmos de uma obra ficcional francesa para realizarmos a discussão aqui feita, o tema de nosso trabalho é a realidade escolar de forma geral.

Podemos depararmo-nos com indagações acerca da utilidade das questões que faremos aqui, pois as discussões sobre a educação e a escola já foram sobremaneira debatidas por diversos autores. É preciso ter em vista, porém, que as condições da educação pública em nosso país não são das melhores, ou melhor, estão em condições nada satisfatórias. Sendo assim, discussões a respeito desse tema estão longe de se esgotarem. Acreditamos que nosso papel é questionar, refletir, teorizar para, enfim, transformar a realidade.

Com esse objetivo, discutiremos, a seguir, diferentes formas de se considerar a instituição escolar, destacando tanto seus aspectos falhos como suas potencialidades. Para isso, lançaremos mão das reflexões de Foucault (1987;1998) acerca das instituições disciplinares, destacando a escola como uma de suas principais representantes. Usaremos, também, conceitos de Althusser (apud PATTO, 1994) sobre os aparelhos de estado, identificando a escola como um Aparelho Ideológico de Estado. Por fim, apontaremos um possível caminho que nossa sociedade pode percorrer com a finalidade de transformar a instituição escolar em um equipamento mais adequado à educação do novo milênio a partir de elucubrações de Morin et al (2003).

2. ESCOLA: INSTITUIÇÃO DISCIPLINAR

A análise da escola parisiense mostrada no filme pode ser feita a partir de diversos prismas, porém algumas características organizacionais e funcionais dessa escola se sobressaem independente da perspectiva adotada. Uma dessas características, e talvez a mais altissonante delas, é a disciplina.

A disciplina é vista por Foucault (1998) como uma elaborada técnica de gestão de homens criada fundamentalmente no século XVIII, apesar de organizações semelhantes existirem há muito tempo na história. Um dos exemplos dado pelo autor de uma grande oficina na qual é aplicada essa nova técnica de poder na Europa do século XVIII é justamente a Escola.

A disciplina se faz presente na Escola primeiramente através da redistribuição espacial do ambiente de ensino que propicia, a partir de então, o ensino coletivo. Pode nos parecer estranho que, em sala de aula (ou no respectivo ambiente da época) não se instruissem os alunos em conjunto, mas com os esclarecimentos do autor a linha histórica referente a tal fenômeno fica mais visível. De acordo com Foucault (1998) “Nas escolas do século XVII, os alunos também estavam aglomerados e o professor chamava um deles por alguns minutos, ensinava-lhe algo, mandava-o de volta, chamava outro, etc.”. A disciplina mostra-se, pois, como uma importante ferramenta para a busca do controle dos indivíduos.

A escola mostrada no filme é claramente uma instituição com fortes traços disciplinares, tais como Foucault os apresenta. As técnicas do poder disciplinar deixam clara para quem é direcionada a coerção (FOUCAULT, 1987), e é exatamente isso o que ocorre na escola em questão. O professor Marin mostra-se efetivamente como um agente disciplinador em diversas cenas, tais como nos momentos em que impede os alunos de falar sem antes levantar a mão, ou de levantarem-se sem pedir permissão. A escola de forma geral, por sua vez, também apresenta diversas características que a fazem poder ser facilmente classificada como disciplinar. Como exemplo bem representativo podemos destacar a cena em que o diretor entra em sala durante a aula do professor Marin a fim de apresentar o novo aluno, Carl. Nesse momento ele obriga todos os alunos da sala a se levantarem para cumprimentá-lo, sob o pretexto de que a atitude deles de ficarem de pé “é apenas uma forma de cumprimentar adultos, não é submissão nem humilhação”.

Outro exemplo que facilita a classificação da escola em questão como uma instituição disciplinar trata exatamente de uma das características do modelo de escola disciplinar do século XVIII, a micropenalidade (FOUCAULT, 1987): em reunião de professores, estes discutem sobre a possibilidade de criação de um sistema de pontos no qual cada aluno começará o ano letivo com determinado número de pontos e os perderá caso cometa infrações durante o período escolar. A representante dos pais e mães presente na reunião salienta bem a excessiva metodologia punitiva utilizada na escola.

Diz ela: “você pensa muito em punir e não em valorizar as coisas boas que o aluno faz”. O professor de História, por sua vez, confronta a ideia do sistema de pontos enfatizando a possibilidade da existência de uma microeconomia de privilégios (FOUCAULT, 1987) com a qual o aluno poderá, a partir de determinado ponto, cometer certas infrações por ter economizado seus pontos. Mais uma vez, uma das marcas da disciplina salienta-se no âmbito das discussões da escola mostrada no filme.

As excessivas punições presentes na escola do filme retratam a finalidade última do sistema disciplinar, a redução dos desvios através da penalidade perpétua. “A penalidade perpétua, que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui. Em uma palavra, ela *normaliza* [grifo do autor].” (FOUCAULT, 1987, p. 163). Tal intenção fica clara na afirmação do professor de história supracitado em relação a um aluno que não contribui com as aulas em geral: “temos que punir Souleymane, ele pode afetar os alunos que têm um comportamento normal”.

Diferentemente das escolas de séculos atrás, em que os professores ditavam as regras e tudo era seguido à risca, fosse por medo ou respeito, a escola francesa do filme não consegue empregar com eficiência as estratégias disciplinares, ou melhor, os alunos não se subordinam à disciplina da forma como acontecia nos séculos passados. Isso faz com que ocorra um conflito intenso entre professores e alunos. No caso do professor Marin, ocorrem discussões sérias nas quais ele mostra abertamente sua intenção disciplinadora e os alunos, em contrapartida, desafiam-no e sustentam suas opiniões e comportamentos contrários a vontade do professor. Tal situação gera querelas sérias nas quais o professor chega até a ofender os alunos. Assertivas ditas por Marin durante tais discussões mostram o caráter disciplinador de suas atitudes: “nosso objetivo não é nos vingar, é tentar valer a disciplina”; “eu sou professor e posso falar coisas que vocês não podem”; “e desde quando a vontade de vocês é a que vale aqui?”.

Vemos aqui a influência do contexto social no ambiente escolar. Os alunos inseridos em uma realidade culturalmente diferente da de séculos passados já não aceitam facilmente as imposições do sistema disciplinar. A escola do filme mostra-se como uma instituição fronteira entre dois períodos históricos. A disciplina já não funciona tão bem, por isso o próprio professor Marin apresenta algumas atitudes bem flexíveis em relação às normas da escola em que leciona. Dada tal conjuntura, faz-se necessária a pergunta: a Escola contemporânea ainda tem como principal função

disciplinar os alunos? Ou melhor, a escola eminentemente como instituição disciplinar, é o que a sociedade contemporânea necessita?

3. ESCOLA: APARELHO IDEOLÓGICO DE ESTADO?

Aqui lançaremos um outro olhar sobre a Escola na contemporaneidade. Continuando a levar em consideração o contexto social no qual os alunos do filme estão inseridos, fica clara a dificuldade da escola em impor a disciplina aos alunos, dado o fato de que, de acordo com Marx (apud PATTO, 1994), as ideias são fruto da ação social. Ou seja, é a vivência em sociedade que determina o tipo de ideia que prevalece nas relações pessoais. Assim, estando os alunos inseridos em um contexto no qual a disciplina não se faz mais tão presente, é evidente que haja dificuldades em implantar técnicas que se mostram claramente disciplinares. À luz do pensamento marxista, portanto, “não são as idéias dos homens sobre o mundo e sobre si mesmos que determinam a maneira como agem socialmente, mas que é sua ação social que determina estas idéias.” (PATTO, 1994, p. 33).

Tal visão de mundo tem em seu âmago o caráter dialético das relações dos homens entre si e dos homens com a natureza, ou seja, das relações de produção. Tais relações de produção são o que determinam a estrutura ou infra-estrutura de uma determinada sociedade. Cria-se, a partir do estabelecimento de dada estrutura, uma superestrutura que legitima a estrutura, esta, por sua vez, continua por exigir a existência da superestrutura. Aqui, fica claro o caráter dialético supracitado (PATTO, 1994).

Com efeito, cabe-nos perguntar: como a Escola se insere em tal contexto?

Althusser ajuda-nos a responder tal indagação. A Escola se insere como instrumento *sine qua non* na formação e mantimento da superestrutura. Ela é um Aparelho Ideológico de Estado (AIE), que tem como função assegurar a reprodução das relações de produção através da ideologia. A Escola é um AIE especial, pois atua diariamente sobre os indivíduos e desde tenra idade. Cai por terra, portanto, o mito da Escola como uma instituição neutra, desprovida de ideologia (PATTO, 1994).

A educação obtida nas instituições escolares, dessa maneira, influencia sobremaneira na forma de atuação do indivíduo perante a sociedade, tendo em vista que a instituição escolar está longe de ocupar uma posição neutra na vida dos indivíduos. Todavia, a influência que a escola exerce no educando pode levar a dois caminhos: a

reprodução da ideologia dominante (estando assim em consonância com os objetivos de um AIE), ou a negação e/ou rejeição desta, que possibilitará uma mudança, uma tentativa de transformação da realidade. Freire, (1996) discutiu bastante a respeito dessa dialética que envolve a educação. Para ele, a educação é dialética e contraditória, uma vez que pode fortalecer ou desmascarar as ideias do sistema.

Neutra, “indiferente” a qualquer destas hipóteses, a da reprodução da ideologia dominante ou a de sua contestação, a educação jamais foi, é, ou pode ser. É um erro decretá-la como tarefa apenas reprodutora da ideologia dominante como erro é tomá-la como uma força de desocultação da realidade, a atuar livremente, sem obstáculos e duras dificuldades. (p. 99)

Sendo assim, a instituição escolar pode ir além das funções alienantes de um AIE. Na escola mostrada no filme, porém, salienta-se sobremaneira o caráter ideologizante da instituição escolar. As formas disciplinares de educação podem ser interpretadas, a partir dessa perspectiva, como tentativas de imposição da ideologia dominante sobre os alunos da escola. O enquadramento caracterizado por Foucault é visto aqui como uma tentativa de docilização da consciência. Isso torna os alunos explorados, por estarem em uma situação de submissão e inércia na sociedade em que vivem.

Pedir permissão para falar, levantar-se para cumprimentar superiores, serem obrigados a escolher representantes na reunião dos professores e mais uma série de comportamentos que os alunos são obrigados a fazer tem como objetivo, para Althusser, docilizar o explorado e assegurar a reprodução das relações de produção (PATTO, 1994).

A ideologia dominante imposta na escola do filme é a capitalista, burguesa, francesa (em oposição às dos alunos oriundos das antigas colônias da França) e branca. Uma cena que demonstra bem tal estrutura é a que as alunas Koumba e Esmeralda perguntam ao professor Marin por que ele sempre usa em seus exemplos de orações nomes franceses, e não nomes relacionados à origem étnica de outros alunos da sala. Ou ainda quando as mesmas alunas falam da forma como é ensinada a língua francesa, de uma maneira culta que é típica da burguesia, como a própria aluna Koumba fala. Estas atitudes do professor trazem em suas entrelinhas características da ideologia dominante na França e no mundo capitalista como um todo. A escola mostra-se como tendo eminentemente o papel de inculcar a ideologia dominante nos alunos.

Como se pode notar, os estudantes têm um papel mais problematizador do que o próprio professor na relação estabelecida entre eles. O professor deveria propiciar um ambiente favorável ao diálogo, mas, ao invés disso, o impede, assumindo uma posição claramente superior aos alunos, impedindo a relação horizontal necessária para existência de uma relação dialógica que vai de encontro à ideologização própria do AIE (FREIRE, 1987).

Partindo dessa análise, mais uma vez refletimos sobre a função da Escola na contemporaneidade: a Escola contemporânea é, como analisa Althusser, um típico AIE? Indo além na mesma linha de raciocínio: a sociedade contemporânea está preparada para superar a condição da Escola como um típico AIE?

Acreditamos que sim.

4. ESCOLA: PONTE PARA A SOCIEDADE-MUNDO?

Como vimos, a escola do filme, como símbolo da Escola contemporânea, pulula em um contexto extremamente complexo. Ideologias divergentes misturam-se e formam uma amálgama cultural que acaba por construir consciências limítrofes entre a disciplina e a inculcação das ideologias, e a busca por um devir que não se sabe ao certo o que é, sabe-se apenas que não deveria ser isso que se vive no presente. Os alunos da escola retratada no filme são claros exemplos de sujeitos vivendo conflitos pessoais oriundos de um ambiente social que engloba ideias antagônicas.

Já percebemos que a escola em questão desempenha o papel de instituição disciplinadora e/ou AIE docilizadora de consciências, mas qual é o caminho possível a se seguir divergente desse? Já que a função da Escola na contemporaneidade se mostra tão insatisfatória, o que então se poderia fazer para que a Escola assumisse uma função mais adequada nos dias de hoje?

De acordo com Morin, Ciurana & Motta (2003)

A missão da educação para a era planetária é fortalecer as condições de possibilidade da emergência de uma sociedade-mundo composta por cidadãos protagonistas, consciente e criticamente comprometidos com a construção de uma civilização planetária. (p. 98)

Por civilização planetária os autores entendem, a partir de uma visão radicalmente antropológica, a condição de simbiose do homem com o mundo. Entretanto, o que nos interessa mais aqui é ter a compreensão do termo sociedade-mundo.

A construção de uma sociedade-mundo vai totalmente de encontro à ideia de Escola como instituição disciplinar e/ou como AIE, pois tais vieses pressupõem sujeitos alienados e explorados/categorizados e adestrados. A emergência da sociedade-mundo, por sua vez, necessita de uma mundologia da vida cotidiana, ou seja, a percepção por parte de cada sujeito dos problemas globais mais urgentes. Sendo assim, a Escola deve fortalecer as condições de possibilidade da emergência da sociedade-mundo (Morin, Ciurana & Motta, 2003).

Tal missão exige, essencialmente a assunção de duas premissas: o ensino deve ser uma tarefa política por excelência e há de se ter fé nas possibilidades do indivíduo. O ensino na Escola não pode ser apenas a busca por uma especialização ou simplesmente a profissão do professor. O ensino deve ser a construção de estratégias de vida, tendo sempre em vista que a vida de todos está interligada (Morin, Ciurana & Motta, 2003).

A posição assumida pelo corpo docente da escola mostrada no filme (este enfatiza mais as atitudes do professor Marin), em certos momentos, está longe de ser direcionada por esse último viés. Em muitos momentos o professor Marin, por exemplo, mostra-se descrente em relação aos seus alunos, como no caso em que se recusa a trabalhar com alguns livros que julga muito complicados para eles, ou no momento em que humilha os alunos com relação a suas capacidades.

Reconhecemos que em muitas ocasiões o professor Marin tenta sinceramente estimular seus alunos a aprender, mas acreditamos que lhe falta fé neles e, sobretudo, falta a ele e à escola como um todo a compreensão da educação como sendo uma ponte para a sociedade-mundo.

Os alunos da referida escola são, portanto, reflexos de uma educação caduca em um mundo necessitado de cidadãos mundiais. A fala de uma aluna de Marin, Henriette, retrata bem as conseqüências da convergência dessas circunstâncias nesse dado momento histórico para os alunos da escola mostrada no filme e, de um modo geral, para vários alunos em condições semelhantes no mundo inteiro. Referindo-se ao que ela e seus amigos faziam na escola, Henriette diz: “eu não aprendi nada durante o ano inteiro [...] não entendo o que a gente faz.”.

5. CONCLUSÕES

Tentamos elaborar uma compreensão da Escola como um importante aparelho social, independente da perspectiva teórica que se use para analisá-la, e vimos que, como instituição situada no cerne da sociedade global, ela ainda tem muito a melhorar. Possui, ainda hoje, um caráter adaptador às necessidades da classe social dominante. Funciona menos como um *locos* de aprendizagem para a vida e mais como uma fábrica de produção de indivíduos pouco conscientes de seu papel micro-político e mundial.

Seja como instituição disciplinar, que através da homogeneização e das micro-punições busca a normalização dos sujeitos, seja como Aparelho Ideológico de Estado, que através da inculcação da ideologia busca a docilização do explorado, a Escola ainda está a serviço de interesses minoritários e não coletivos. E quando dizemos coletivos nos referimos a busca por interesses de ordem mundial.

Devido a essa situação (mais estrutural que conjuntural), a Escola cria indivíduos que têm a impressão de estarem descolados do mundo, de viverem em uma realidade descontextualizada. Indivíduos que não têm a noção da retroalimentação entre passado, presente e futuro (MORIN, 2010).

Devido a isso, ouvimos afirmações como a dos alunos de Marin, que poderiam muito bem serem ditas por alunos de verdade, em uma escola de qualquer parte do mundo: “nós não fazemos nada, só viemos para a escola, dormimos e comemos.”

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Ed Vozes, 1987.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

MORIN, E. *Para Onde Vai O Mundo?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

MORIN, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. *Educar na Era Planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

PATTO, M. H. *Psicologia e Ideologia: uma introdução crítica à Psicologia Escolar*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.

Entre Os Muros da Escola. CANTET, L.; BENJO, C.; SCOTTA, C.; LETELLIER, B.; ARNAL, S. Paris: Estúdio Haut et Court, France 2 Cinéma, Canal +, 2008. Longa metragem em unidade de DVD.